



# SENTIMENTO DE DEPENDÊNCIA, MEDO E EGOÍSMO NAS PRELEÇÕES SOBRE A ESSÊNCIA DA RELIGIÃO DE LUDWIG FEUERBACH<sup>1</sup>

Rosângela Fonteles do Nascimento Arcanjo

Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC/CAPES)

Participante do Grupo de Pesquisas Ludwig Feuerbach e Pensamento Pós-hegeliano  
(GPELF/UVA-CNPq)

[rosangelafonteles89@gmail.com](mailto:rosangelafonteles89@gmail.com)

**Resumo:** Com base no pensamento de Ludwig Feuerbach, o surgimento e o comportamento religioso que se manifesta no homem é dada pelas religiões naturais por meio do culto a elementos da natureza, na qual por trás dessas religiões estaria a verdade da mesma. Assim, a natureza mistificada surgiu possivelmente na ignorância do homem frente aos fenômenos naturais. Sob essa ótica, o presente artigo busca uma melhor compreensão de como se iniciou o sentimento e o comportamento religioso no homem, esclarecendo esse surgimento nos elementos presentes nas religiões naturais, em suas práticas religiosas, bem como explicar o sentimento de dependência da natureza e suas expressões como fundamento da adoração religiosa à luz das *Preleções sobre a essência da religião*. Feuerbach nos mostra que as práticas religiosas se iniciaram na relação entre homem e natureza, na qual essa se demonstra como segurança e hostilidade. Assim, os povos primitivos, diante da incompreensão do mundo, sentem medo, insegurança e a necessidade de proteção, tornando-se dependente dela, e, ao desenvolverem um sentimento de dependência em relação à natureza, há uma contribuição para a origem das

---

<sup>1</sup> Desenvolvemos aqui ideias expostas oralmente também no XII Encontro de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará: ARCANJO, R. F. do N.; CHAGAS, E. F., 2019.

religiões. Deste modo, constata-se um egoísmo que o homem exerce no sentido de preservação e conservação, buscando o bem para si e esse instinto de sobrevivência está de acordo com a natureza humana de apropriar-se do que lhe faz bem e evitar o que lhe faz mal, suprimindo, dessa forma, seu egoísmo existencial.

**Palavras-chave:** Religião Natural. Natureza. Sentimento de Dependência.

## Introdução

A filosofia de Ludwig Feuerbach é uma crítica à filosofia especulativa e às religiões em geral. Ele desenvolve sua doutrina apoiando-se no materialismo, com base na realidade e não em ideias abstratas fora dela. Pode-se dizer que seu objetivo é resgatar a sensibilidade e que Deus, para ele, é a sensibilidade do homem materializada e produto do egoísmo humano. Deste modo, ele nega a teologia para resgatar a natureza natural, a natureza externa e a dignidade humana.

Ao fazer uma análise entre as religiões, Feuerbach toma como fundamento para o desenvolvimento de suas concepções as religiões naturais<sup>2</sup>, essas não cultuam um Deus subjetivo, mas um deus materializado que se identifica ou que está presente na natureza, na qual essa é fundamental para a existência. Dito isto, mostraremos no primeiro momento como se deu a crença em divindades ainda nos primórdios, quando o homem primitivo não compreendia os fenômenos naturais, buscando uma melhor compreensão da diversidade dos deuses.

---

2 Algumas vezes serão utilizados os termos “religiões primitivas”, “religiões pagãs” e “religiões subjetivas” para substituir “religiões naturais”, a fim de evitar repetições excessivas.

Em seguida, trataremos do argumento de Feuerbach, presente na obra *Preleções sobre a essência da religião (1851)*, no que tange ao sentimento de dependência como o fundamento para o surgimento das religiões em geral, bem como o medo, que é o aspecto primitivo desse sentimento. Por último, abordaremos a concepção de Feuerbach acerca do egoísmo, no qual esse seria o motivo último da religião que leva o homem a diversas formas de adoração religiosa.

## **1 Religião natural e o culto à natureza**

A religião natural é base do pensamento feuerbachiano no que concerne às religiões em geral, e Feuerbach acredita que por trás dela está a verdade da natureza que determina a existência humana. Ele desenvolve suas concepções a partir das religiões naturais porque elas não têm como objeto um Deus moral e subjetivo, mas um deus físico que está apenas presente na natureza e/ou em seus elementos, pois, como já mencionado, sua filosofia é desenvolvida na realidade concreta das coisas. Como explica o próprio filósofo de Landshut:

Esta minha doutrina, tendo por ponto de partida a natureza, apelando para a verdade da natureza, estabelecendo-a contra a teologia e a filosofia [...] a religião da natureza; porque não desenvolvo minhas doutrinas e ideias na nebulosidade da abstração, mas sempre baseado em objetos e fenômenos reais e históricos, independentes de meu pensamento, baseando então meu ponto de vista ou doutrina da natureza na religião da natureza. (FEUERBACH, 2009, pp. 34, 35).

Nos primórdios o homem não compreendia os entes naturais, passando este a ter uma má interpretação daqueles. Assim, o homem tanto se sentia amparado como também ameaçado pelas manifestações dos fenômenos naturais. De acordo com Feuerbach, as religiões naturais se principiam a partir da relação do homem com a natureza, sendo também as primeiras formas de sociedades.

Feuerbach, ao definir sua doutrina em homem e natureza, une antropologia com fisiologia<sup>3</sup> e almeja evidenciar a sensibilidade humana e a total dependência do homem pela natureza, no qual este deve sua origem e o reconhecimento de que ela é sua fonte de vida e morte, ou seja, assim como assegura sua vida, é também a que lhe impõe limites. Conforme Chagas, a natureza é

[...] para Feuerbach não só o que limita, mas também a potência (*das Vermögen*) que assegura ao homem a possibilidade, a condição de satisfazer suas necessidades múltiplas; ela é, pois, aquela essência (luz, ar, água, fogo, plantas, animais etc.) sem a qual o homem não pode nem ser pensado nem existir. (CHAGAS, 2009, p. 119).

Composta por uma cultura rudimentar, a dependência da religião natural pela natureza era maior e conseqüentemente também sua aproximação da mesma. Deste modo é que o religioso natural percebeu

---

3 Cf. Feuerbach (2009, p. 34): “[...] o Deus físico ou o Deus considerado apenas como causa da natureza, das estrelas, das árvores, das pedras, dos animais e dos homens enquanto seres físicos e naturais nada mais significa que a essência divinizada e personificada da natureza, que então o segredo da teologia física é somente a física ou a fisiologia, mas fisiologia não no sentido restrito que tem atualmente e sim em seu sentido antigo e universal, quando então significava a ciência natural em geral. Por isso, se antes resumi minha doutrina na sentença: a teologia é antropologia, devo agora acrescentar: e fisiologia.”

a natureza com olhos de admiração pelo benefício que essa lhe oferecia e pelo temor que lhe transmitia, passando então a sacralizá-la. A divinização da natureza ocorreu como uma tentativa do homem de reconciliação e de aproximação em relação à mesma, como um refúgio para seus medos e como agradecimento pelas suas alegrias.

Diante da magnitude da natureza, o homem tornou-se inteiramente submisso a ela, um ser inserido e totalmente dependente de seus artifícios. Ela é o primeiro deus das religiões primitivas, portanto, o primeiro objeto. Contudo, Feuerbach vai dizer que somente como expressão dos anseios do homem é que a natureza torna-se objeto de suas adorações, não sendo objeto enquanto tal, pois o religioso natural adora apenas as propriedades do objeto e embora ele adore os elementos que estão presentes na natureza, a mesma não é reconhecida em seu sentido originário, mas com características sobrenaturais e com princípios supersticiosos. A respeito disso, Feuerbach elucida:

[...] na religião da natureza já existe como inerente um elemento que eu não reconheço, porque, não obstante sendo objeto da religião da natureza somente a natureza, como a própria expressão torna evidente, é entretanto a natureza um objeto para o homem em seu primeiro estágio, no estágio da religião da natureza, não como ela é na realidade, mas como aparece na razão inculta e inexperiente, para a fantasia e o sentimento, e que por isso já tem o homem também aqui desejos sobrenaturais [...], também a religião da natureza não é livre de superstições, porque naturalmente, isto é, sem cultura e experiência, são todos os homens dados à superstição. (FEUERBACH, 2009, p. 50).

Assim, a natureza é transformada em um ente divino na imaginação fantasiosa humana, na qual o homem não consegue distingui-la de si. Nessa perspectiva é que Feuerbach aponta para a negatividade das religiões naturais. Ele elabora uma crítica parcial e mostra que há um afastamento do homem com a natureza, na medida em que o primitivo, ao não se distinguir da natureza, diminui-se a ela e a atribui com suas características humanas, ou seja, ele a personifica com seus sentimentos e paixões. Deste modo, as primeiras formas de adoração religiosa foram suscitadas pelas impressões causadas pelos entes naturais, isto é, o homem externaliza, objetiva sua própria essência.

Todavia, na religião natural há uma valorização da natureza e uma relação mais íntima e direta com a mesma, isso implica no reconhecimento, na submissão e na completa dependência do homem diante da mesma, a qual fornece elementos para sua subsistência. Feuerbach vai dizer ainda que:

O cultor da natureza não a adora somente como o ser através do qual ele agora existe ou sem o qual ele não pode viver, nada pode fazer, ele adora e considera a natureza também como o ser do qual ele surgiu originariamente e exatamente por isso como o alfa e o ômega do homem. (FEUERBACH, 2009, p. 101).

Ao cultuar a natureza, a religião natural nos revela que não há uma separação da realidade concreta, que as crenças exercidas não ultrapassam esta vida terrena e que não se pode ir além dos limites determinados pela natureza, seus deuses existem unicamente no mundo físico. Dessa forma, Feuerbach acredita que por trás dessas religiões está a verdade da natureza, a qual expressa a condição essencial e

indispensável para existência do homem. Na antiguidade, mesmo os gregos e romanos não estabeleciam na natureza um Deus transcendente e absoluto, fora do mundo material, mas apenas os elementos que compõem a realidade das coisas, somente os elementos da natureza.

Nas crenças das religiões primitivas estava a multiplicidade dos deuses e, segundo Feuerbach: “Diversos são os deuses dos homens somente conforme os diversos benefícios que eles prestam ao homem.” (FEUERBACH, 2009, p.67). Ou seja, muitos foram os deuses das religiões naturais, mas seus deuses correspondiam à necessidade de cada um. Nesse sentido, vale ressaltar que essas religiões tinham seu deus determinado também pelo espaço geográfico, por isso havia mais de um Deus, pois cada povo conhecia apenas seu âmbito de convivência e sua religião local, eles tinham como divindades os entes naturais.

Na diversidade dos deuses das religiões naturais consistiam também as múltiplas práticas religiosas, que eram manifestadas através do culto a elementos naturais, nos quais eram adorados os astros, as águas, as plantas, pragas, doenças, bem como diversos animais. Tomando os últimos como exemplo, tanto a natureza de modo geral como a natureza animal tornaram-se objeto do culto religioso dos povos primitivos<sup>4</sup>. De acordo com Feuerbach, os animais foram essenciais para o desenvolvimento cultural desses povos, assim como também em seu processo civilizatório<sup>5</sup>; sem esses seres não seria possível a sobrevivência naquela época.

---

4 Cf. Feuerbach (2009, p. 63): “O culto aos animais e a natureza em geral não nos mostra somente o estágio prático da cultura de um povo, mas também sua natureza teórica, seu estágio espiritual em geral; porque, enquanto o homem adora animais e plantas, não é ainda um homem como nós, identifica-se pois com os animais e as plantas, estes são para eles ora seres humanos, ora não-humanos”.

5 Cf. Feuerbach (2005, p. 26): “[...] somente através dos animais o homem poderia emergir de seu estado animal, somente sob sua proteção e com sua ajuda ele poderia germinar a semente da civilização na humanidade”. (Tradução do autor a partir do espanhol).

Contudo, qual a motivação que levou o homem a adorar os entes naturais? Tendo em vista que era o início da formação das sociedades não havia um motivo ao certo para os animais se tornarem objeto de adoração religiosa, apenas que eles eram necessários, pois “[...] o homem adora como deus aquilo de que sua existência depende [...]” (FEUERBACH, 2009, p. 54). O religioso natural encontrou nos animais, seres reais e não sobrenaturais, uma forma de progresso, uma vez que apenas com seu trabalho e esforço não foi capaz de se desenvolver sozinho. Nem a utilidade, nem a nocividade dos animais foram razões para cultuá-los, a questão é que os motivos são contraditórios, pois muitos não tinham utilidade alguma para o homem, no caso das pragas ou no fato de o homem adorar até mesmo doenças.

[...] mesmo que um animal não tenha nenhuma utilidade ou nocividade real ou provada historicamente, mesmo assim associa-o o homem em sua imaginação religiosa a impressões supersticiosas, sempre por um motivo totalmente casual ou por nós desconhecido. (FEUERBACH, 2009, p. 58).

Em linhas gerais, os motivos das adorações independentemente de qual seja o objeto cultuado, são desconhecidas e por vezes fundamentam-se na imaginação humana, em suas superstições e em suas crenças no qual não obstante, o homem acredita que tal objeto trará algum benefício para si.

Ainda sobre o culto aos animais, Feuerbach reafirma sua teoria de que o homem objetiva sua própria essência na religião ao dizer que o homem “[...] adora a si mesmo nos animais [...]” (Cf. FEUERBACH, 2009, p. 62). Mesmo quando não há um motivo histórico ou racional para as adorações religiosas, o cultor apenas externaliza sua delirante fantasia no objeto, da mesma forma também o faz com os animais. Somente com



o passar do tempo, quando o homem atingiu um estágio cultural e historicamente mais elevado, é que os animais passaram a ser cultuados por motivos egoístas, mas que trataremos posteriormente.

A adoração aos animais, no entanto, pode ser associada ao sentimento de dependência. Isso se justifica porque o sentimento de dependência é despertado pelas propriedades do objeto de que o homem necessita para sua existência. Deste modo, se os animais eram fundamentais para ele, despertavam nele sentimentos de dependência e conseqüentemente tornavam-se objeto de culto religioso.

## **2 O sentimento de dependência e suas expressões**

Como vimos até agora, as primeiras formas de religiões têm seu primeiro aspecto sustentado historicamente nas primeiras civilizações, que viam a necessidade de adorar os elementos da natureza por não compreender o mundo e sua magnitude, criando daí a religião como forma de aplacamento dos seus medos e desconfortos terrestres. Conforme Serrão:

O primitivo sente a Natureza como algo de estranho, e é impelido a subjugar esse mundo inumano, silencioso e frio, nascendo deste modo a religião como a resposta mais espontânea para aplacar as forças naturais e transformar o seu ser desconhecido e inquietante (*unheimlich*) num ser próximo e aprazível. (SERRÃO, 1999, p. 263).

A fim de discutir sobre o princípio das religiões, trataremos agora do sentimento de dependência compreendido por Feuerbach como o fundamento das religiões em geral apresentada pelo autor na obra *Preleções sobre a essência da religião* também por um viés psicológico.

Sem o intuito de uma ampla discussão, será dada ênfase aqui principalmente ao que for correspondente à origem da religião da natureza, a qual teve sua gênese no sentimento de dependência, o qual pode ser explicado a partir de seus expoentes como o medo e a gratidão.

O fundamento subjetivo da religião é o sentimento de dependência. Esse sentimento de dependência se especifica no medo da desgraça, da morte, da catástrofe e o gozo de viver, agradecimento pela libertação do medo e angústia (AMENGUAL, 1980, p. 251; tradução nossa).

Feuerbach afirma o sentimento de dependência como a origem das religiões a partir do culto e da aceitação da natureza presente nas religiões naturais, no qual o homem reconhece sua dependência e sua limitação no mundo.

Ao fundamentar a religião a partir do sentimento de dependência, em concordância com Schleiermacher, Feuerbach sofreu duras críticas pelos filósofos especulativos<sup>6</sup>. Dentre eles estava Hegel, que usou de seu sarcasmo ao referir-se à dependência dos animais como exemplo, dizendo que o cão, ao se sentir dependente do dono, também deveria ter religião. A questão é que o sentimento de dependência origina a religião porque esse sentimento é demonstrado no ser, como a necessidade e dependência do homem por um ente diferente de si.

Para Feuerbach, a natureza é o objeto primitivo que desperta sentimentos no homem relacionados a divindades, esses sentimentos são despertados de forma inconsciente na fase infantil da humanidade. Com a origem da religião, essa em seu princípio seria indispensável e inata no homem, “[...] não a religião no sentido da teologia ou do deísmo,

---

6 Cf. Feuerbach (2009, p. 38): “Os chamados filósofos especulativos são de resto os filósofos que não formam seus conceitos conforme as coisas, mas as coisas conforme seus conceitos.”

da própria crença em Deus, mas a religião enquanto nada mais expressa que o sentimento de finitude e dependência da natureza por parte do homem." (FEUERBACH, 2009, p. 48). O homem é um ser sensível, parte desse mundo material, que necessita dos elementos da natureza para manutenção de sua vida, e assim ele estabelece um vínculo diário e imanente que resulta nas práticas religiosas. Deste modo, o sentimento de dependência nos revela que o homem não depende de nenhum ente não natural, mas apenas de objetos da sensibilidade, concretos e finitos.

A religião teve sua base sustentadora nas limitações humanas. Ao perceber sua inferioridade ante a grandeza da natureza, o homem se convence de que não pode medir forças com os fenômenos naturais, os quais se mostram a ele de forma negativa ou positiva, ora ameaçam, ora asseguram. Dessa forma, o homem percebe que é um ser sensível, finito, limitado e totalmente dependente da natureza, que não tem domínio para fugir das desgraças impostas por ela. Assim, a natureza é elevada ao patamar divino, aos deuses, pelo que Feuerbach vai dizer que os deuses nada mais são que fruto da imaginação temerosa do homem e da satisfação de seus desejos<sup>7</sup>.

## 2.1 Medo

*Nas Preleções sobre a essência da religião*, Feuerbach trata do medo como o primeiro aspecto do sentimento de dependência, indo na mesma linha de pensamento que antigos religiosos, que defendiam o medo como o compelidor de um Deus absoluto<sup>8</sup>. O medo pode ser

---

<sup>7</sup> Cf. Feuerbach (2009, p. 321).

<sup>8</sup> Cf. Feuerbach (2009, p. 38): "Muito conhecida é a expressão do poeta romano: *Primus in orbe Deos fecit Timor*, o medo foi o primeiro que criou deuses no mundo. Entre os romanos tem até mesmo a palavra medo, *metus*, o sentido de religião, e inversamente tem a palavra *religio*, às vezes, o sentido de medo; por isso é para eles um *dies religiosus*, um dia religioso, é o mesmo que um dia infeliz, um dia que se

considerado como a primeira experiência da religião, que induz o homem a personificar a natureza projetando nela suas características humanas, vendo-a como um membro das suas relações sociais, uma relação com o outro e consigo mesmo.

Podemos dizer que o medo foi a expressão precursora das religiões em geral. A religião serve como consolo e refúgio dos medos do homem que lhe dão segurança e esperança. No entanto, a mesma faz com que o homem fique preso em seu próprio medo, impedindo assim, a desvinculação. Isso acontece porque o Deus adorado concede e retribui o que lhe é oferecido. O homem torna-se completamente dominado por seu medo, pois se amar ao seu Deus, da mesma forma será amado, mas se ignorá-lo, esse Deus poderá castigar e sentenciar o homem com toda sua ira e poder<sup>9</sup>.

Para Feuerbach, o medo não se sustenta apenas na cultura de um povo, ele ultrapassa esses limites firmando-se também na ignorância, exemplificada nas primeiras religiões subjetivas. Ele aparece na busca de um sentido do existir e torna-se uma dúvida com a esperança. Dúvida no sentido de que, uma vez passado o medo, surgem sentimentos como a gratidão e a alegria. Desse modo, nosso autor compreende que a religião não se institui apenas na negatividade do horror ou da opressão, mas também acarreta sentimentos positivos como os já mencionados. Nesse sentido, Feuerbach discorre:

A alegria, o amor, a gratidão são sentimentos da dependência de um ser através do qual eu sou

---

teme. Até mesmo a nossa *Ehrfurcht* alemã (expressão da mais elevada adoração, da adoração religiosa) é composta, como a própria palavra mostra, de *Ehre* (honra, dignidade) e *Furcht* (medo)".

9 Cf. Feuerbach (2009, p. 45): "[...] somente é objeto de adoração religiosa, somente é Deus o que pode amaldiçoar, prejudicar e ajudar, matar e dar vida, alegrar e aterrorizar".

alguma coisa, que me dá o sentimento e a consciência de que eu vivo e existo através dele. Uma vez que eu vivo e existo através da natureza ou o deus, amo-o; uma vez que eu sofro e me consumo através da natureza, tenho medo dela. Em resumo, quem dá ao homem os meios ou as causas da alegria de viver será amado por ele, e quem toma a ele esses meios ou tem o poder de tomá-los, este será temido por ele. Mas ambos se unem no objeto da religião: o mesmo que é fonte de vida é também negativamente, quando não o tenho, fonte da morte (FEUERBACH, 2009, p. 44).

O medo está presente não apenas nas religiões naturais, ele funda-se também nas religiões cristãs. Independentemente de qualquer povo, todos sentem a necessidade de adorar algo em tempos mais difíceis, de angústia e de medo. Os deuses cruéis do politeísmo é o mesmo Deus irado e furioso do monoteísmo, a diferença é somente esta já perceptível – o medo das religiões cristãs é atribuído apenas a um Deus –, no mais, sentem o mesmo temor que as religiões naturais, adoram, pois, seu Deus e dirigem-se a ele por medo de uma sentença ou de não alcançar a salvação em outra vida para além desta.

O homem é um ser dotado de sensibilidade e dependente de muitas coisas, por isso é capaz de transformar qualquer objeto que lhe cause medo em um objeto de adoração religiosa. Dessa maneira, além do temor que tem em relação aos fenômenos naturais, o medo que mais lhe domina é o medo da morte, pois para o homem o seu bem mais valioso é a vida. O medo da morte surge quando o homem percebe que é um ser finito e que depende de outro ente para existir. Esse ente, como já dito, é a natureza, a qual fornece ao homem todos os elementos para sua subsistência.

Contudo, a natureza, assim como traz a segurança, também desperta o medo no homem, que é abrangido pelo sentimento de dependência. Para Feuerbach, o sentimento de finitude, que se caracteriza pela relação do homem com outro ser (não sobrenatural), tem o mesmo significado que o sentimento de dependência, e “[...] o sentimento de finitude mais delicado, mais doloroso para o homem, é o sentimento ou a consciência de que ele um dia acaba, de que ele morre.” (FEUERBACH, 2009, p. 46). Nesse sentido é que Feuerbach afirma que a religião só existe com o perecimento do homem<sup>10</sup> e discorre que somente “[...] o túmulo do homem é o berço dos deuses.” (FEUERBACH, 2009, p. 47).

Em síntese, a religião tem como única explicação universal somente o sentimento de dependência; por isso não pode ser justificada como originada apenas de sentimentos como o medo, a alegria e a gratidão, uma vez que esses são sentimentos passageiros, mas que se abrangem no sentimento de dependência. No entanto, o sentimento de dependência também só justifica a religião em sua gênese, pois quando o homem sente a dependência por algo, tende a querer superar essa dependência, buscando o rompimento de suas limitações, que pode ser citado como exemplo a morte, no qual o homem busca superá-la com a crença na imortalidade.

### **3 O egoísmo como instinto de autoconservação**

Como dito anteriormente, a morte é o maior medo do homem, em contrapartida a vida é o seu maior bem. Deste modo, o sacrifício humano

---

10 Cf. Feuerbach (2009, p. 47): “Um pensamento religioso, a lembrança da morte é, porém, inteiramente independente da ideia de um Deus porque aqui me lembro da minha finitude. Uma vez que se tornou claro que sem morte não haveria religião, torna-se também claro que a expressão característica para o fundamento da religião é o sentimento de dependência”.

praticado nas religiões primitivas pode justificar essa afirmação. O homem acreditava que os deuses assim como eles consideravam a vida o bem de mais alto valor e, dessa forma, as práticas sacrificiais em que ofereciam a vida humana não poderia ser negada pelos mesmos. Conforme Tomasoni:

O sacrifício elimina o sentimento de culpa – é uma propiciação do objeto. No entanto, é também ao mesmo tempo uma expressão do sentimento de gratidão; nesse sentido, minha opinião é apenas receber um presente que é oferecido a mim. Seu verdadeiro objetivo, no entanto, é a afirmação, a autossatisfação do homem. (TOMASONI, 1986, p. 237; tradução nossa).

O ato do sacrifício pode ser justificado pelo medo no caso das religiões naturais, era uma forma de persuadir a natureza e de sentir-se seguro com o apoio divino. Contudo, o sacrifício também se justifica pelo egoísmo, pois este não pode ser exercido sem um fim humano, pois se não houvesse nenhum interesse, por que o homem sacrificaria o seu maior bem? Assim, mesmo quando o homem sacrifica a sua própria vida, ele também tem um interesse maior, com uma finalidade egoística. Tal interesse consiste no alcance da felicidade, seja o sacrifício sangrento da religião natural, seja o sacrifício espiritual da religião cristã. Em relação a última, a renúncia dos prazeres corpóreos e de bens materiais implica no desejo do religioso em alcançar a felicidade na vida eterna. Segundo Feuerbach:

A religião cristã é habitualmente enaltecida como tendo abolido o sacrifício humano. Mas apenas substituiu o sacrifício humano sangrento por sacrifícios de outro tipo – ao invés do sacrifício

humano corporal, introduziu o sacrifício humano psíquico, espiritual, o sacrifício humano que, em verdade, não na aparência, mas no fato e na realidade é um sacrifício humano. Por isso pessoas que só se prendem a aparências creem que a religião introduziu no mundo algo essencialmente diverso da religião pagã, mas isso é só aparente (FEUERBACH, 2009, p. 88).

Deste modo, o religioso do cristianismo tenta viver uma vida retraída, longe das tentações pecaminosas para um dia, além dessa vida terrena, encontrar a paz e a verdadeira felicidade. No tocante às religiões pagãs, o sacrifício era um exercício comum que variavam entre os sacrifícios de animais e de seres humanos, tudo dependia da graça a ser alcançada.

Entretanto, Feuerbach defende que todo objeto de adoração do homem, tem como plano de fundo um egoísmo existencial, e esse egoísmo não é um egoísmo moral e vantajoso no sentido vulgar, mas um egoísmo inato no homem do amor pela espécie humana, um egoísmo metafísico como explica o filósofo:

Entendo por egoísmo o egoísmo necessário, imprescindível, que, como foi dito, não é o moral mas o metafísico, isto é, fundado na essência do homem sem seu saber e querer, o egoísmo sem o qual o homem não pode viver; porque para viver devo apropriar-me constantemente do que me é conveniente e evitar o que me agride e me é nocivo, o egoísmo, pois, que está no organismo, na posse do material assimilável e na recusa do não assimilável (FEUERBACH, 2009, p. 65, 66).



Deste modo, Feuerbach afirma que é através do sentimento de dependência que se constata esse egoísmo como instinto de autoconservação, que faz com que o homem adore apenas um Deus ou objeto que lhe seja útil ou que lhe traga algum benefício, ou ainda por sua nocividade, pois através do culto religioso o homem pode afastar de si o que não lhe faz bem. Mesmo os animais que se tornaram objetos de adoração religiosa, aparentemente sem nenhum motivo racional, são cultuados por seus benefícios ou por seus malefícios, pois na imaginação de seu adorador, de alguma forma, isso lhe trará alguma vantagem.

### **Considerações finais**

Vimos que a natureza é o primeiro objeto da religião e de total importância para o homem primitivo, que não compreendia os fenômenos naturais. Assim, ele buscou na divinização da natureza uma aproximação e uma reconciliação como solução para suas angústias diante do desconhecido. Nesse sentido, a filosofia da natureza de Feuerbach nos leva a uma reflexão da relação homem-natureza e como permanece viva nos dias vigentes, pois o homem ainda depende da natureza e de seus elementos. A diferença é que agora o homem, através da ciência, tem uma maior compreensão de como acontece o seu ciclo natural, embora, assim como nos primórdios, não tenha o domínio sobre sua mutabilidade e por vezes ainda encontram explicações na religião.

Sabemos também que ainda existe o culto a animais, pelo qual muitos deles são considerados sagrados. Além disso, o medo como primeira expressão do sentimento de dependência continua sendo um dos principais motivos da crença religiosa, expressado pelo medo da morte, dos castigos divinos ou de não alcançar a tão almejada vida eterna no reino dos céus. No mais, o medo não pode ser considerado o único e suficiente motivo da origem do fenômeno religioso, pois, como

foi visto, ele é um sentimento passageiro que dá espaço para outros sentimentos como a gratidão e a alegria. Esses sentimentos são expressões do sentimento de dependência que foram contribuintes para o surgimento das religiões em geral.

O homem encontrou na religião uma forma para aplacar suas dores e suas angústias, bem como uma forma de agradecimento pelas alegrias e benevolências. Isso nos leva a constatação de que tudo que o homem busca é a sua preservação, uma forma de subsistir da melhor forma possível enquanto um ser existente. Desse modo, procura sempre o que lhe faz bem e afasta-se do que lhe faz mal. Muito além de ser apenas um egoísmo moral, Feuerbach diz que o egoísmo já é inato no homem como instinto de autoconservação.

## Referências

AMENGUAL, G. **Crítica de la religión y antropología en Ludwig Feuerbach**. Barcelona: Laia, 1980.

ARCANJO, R. F. do N.; CHAGAS, E. F. O sentimento de dependência como fundamento das religiões naturais. **Encontros Universitários da UFC**, Fortaleza, v. 4, 2019, p. 2579. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/eu/article/view/56125/146448>. Acesso em: 23 nov. 2020. Resumo de comunicação oral.

CHAGAS, Eduardo F. A primazia da natureza ante o espírito em Ludwig Feuerbach. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, vol. 32, n. 2, pp. 119-133, 2009.

FEUERBACH, Ludwig. **La esencia de la religión**. 2ª ed. Trad. Tomás Cuadrado Pescador. Madrid: Editorial Páginas de Espuma, 2005.

FEUERBACH, Ludwig. **Preleções sobre a essência da religião**. Trad. José da Silva Brandão. Rio de Janeiro, vozes, 2009.

LIMA FILHO, J. E. **Antropologia, ética e política em “A essência do cristianismo” de Ludwig Feuerbach**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2017. Tese (Doutorado).

DACUY, Maximiliano. Humanismo religioso y ética de la autolimitación em la filosofía de Ludwig Feuerbach. **Revista Helius**, Sobral, v. 2, n. 2, pp. 419-432, jul.-dez. de 2019.

SERRÃO, A. V. **A Humanidade da razão: Ludwig Feuerbach e o Projeto de uma Antropologia Integral**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

TOMASONI, Francesco. **Ludwig Feuerbach e la natura non umana: Riconstruzione genetica dell “Essenza della religione”** con pubblicazione degli inediti. Florença: La Nuova Italia, 1986.